

2015
número

11

2ª série

Lisboa_INSA, IP

publicação trimestral _ janeiro - março

ISSN: 2183-8873 (em linha)

Observações

Boletim Epidemiológico

editorial

Qual a base da informação sobre a saúde dos Portugueses?

O primeiro número do Boletim Epidemiológico Observações foi publicado em 2012, retomando, em parte, a edição do Boletim Observações criado em setembro de 1998 e mantido até novembro de 2009 pelo Observatório Nacional de Saúde (ONSA) agora integrado no Departamento de Epidemiologia do Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge (INSA). Os números regulares e especiais do atual Boletim têm como principal alvo os profissionais de saúde, os investigadores, os técnicos e os decisores na área da Saúde Pública em Portugal.

Ao assumir-se como veículo de disseminação rápida da informação e cultura científica e técnica produzida pelos Departamentos do INSA, o Boletim publica informação com origem em diferentes bases amostrais, independentemente do tipo de material em questão e da unidade de investigação e análise. As amostras, probabilísticas e não probabilísticas, e a análise dos dados e da informação delas resultantes, estão subjacentes à maior parte dos artigos publicados no Boletim, o que aconselha a necessidade de uma sólida cultura de planeamento de estudos de investigação, em especial os epidemiológicos, desenho e dimensionamento de amostras estatísticas, análise de dados e extrapolação dos resultados à população em estudo e à população alvo.

Os trabalhos que utilizam dados e informação de base populacional, como os sistemas de vigilância epidemiológica e os registos de base populacional, como é o caso do rastreio neonatal, ou do sistema de vigilância diária da mortalidade, utilizam, em princípio, a totalidade dos dados e da informação, com cobertura nacional ou regional completa.

neste número

Editorial

Qual a base da informação sobre a saúde dos Portugueses?

p 01

Carlos Matias Dias (Médico especialista em Saúde Pública, Coordenador do Departamento de Epidemiologia do INSA)

Artigos Breves

Doenças Não Transmissíveis

1. Prevalência de síndrome de apneia obstrutiva do sono: um estudo da Rede Médicos-Sentinelas

p 03

Ana Paula Rodrigues, Paula Pinto, Baltazar Nunes, Cristina Bárbara

2. Modelo de crenças em saúde na decisão da toma da vacina antigripal

p 05

Ana João Santos, Irina Kislaya, Baltazar Nunes

3. European joint action sobre prevenção de doenças crónicas e promoção do envelhecimento saudável (JA-CHRODIS)

p 07

Natércia Miranda, Cláudia Niza, Luciana Costa, Astrid Moura Vicente

Doenças Infecciosas

4. Citomegalovírus: análise retrospectiva de casos suspeitos de infeção do sistema nervoso central, diagnosticados entre 2010 e 2014

p 10

Silvia Lopo, Tânia Reis, Paula Palminha, Elsa Vinagre, Cristina Furtado

5. Clostridium difficile: diversidade genética e perfis de suscetibilidade aos antimicrobianos

p 15

Andrea Santos, Joana Isidro, Cláudia Júlio, Mónica Oleastro

Saúde Ambiental

6. Abordagem multidisciplinar na identificação e monitorização de cianobactérias potencialmente tóxicas

p 19

Catarina Churro, Elisabete Valério

7. Avaliação do efeito da microcistina-LR no crescimento, sistema antioxidante e indução de apoptose em Saccharomyces cerevisiae

p 23

Elisabete Valério, Arminda Vileas, Alexandre Campos, Paulo Pereira, Vitor Vasconcelos

Doenças Genéticas

8. Prevalência ao nascimento dos défices da β -oxidação mitocondrial dos ácidos gordos na Península Ibérica

p 26

Hugo Rocha, Daisy Castiñeiras, Carmen Delgado, José Egea, Raquel Yahyaoui, Yolanda González, Manuel Conde, Inmaculada González, Inmaculada Rueda, Luis Rello, Laura Vilarinho, José Cocho

Segurança Alimentar

9. Ciclamato em adoçantes de mesa: risco de ultrapassar a dose diária admissível

p 30

Bruno Ruela Sargaço, Maria Celeste C. Serra, Elsa Reis Vasco

Notícias

Projeto Europeu ASDEU - Autism Spectrum Disorders in Europe

p 33



Um outro caso particular é o dos inquéritos de saúde de base populacional, como é o caso do Inquérito Nacional de Saúde, agora na sua 5ª edição, resultante de uma parceria entre o INSA e o Instituto Nacional de Estatística e, mais recentemente, o Inquérito Nacional e Saúde com Exame Físico (INSEF), resultante de uma parceria entre o INSA, as 7 Regiões Nacionais e o Instituto Norueguês de Saúde Pública. Estes e outros Inquéritos realizados no INSA, como o painel de famílias ECOS, estudam a saúde, a doença e a incapacidade, os fatores de risco e protetores, os determinantes de saúde e a utilização de cuidados de saúde em amostras probabilísticas da população portuguesa e são, também por isso, importantes fontes de informação epidemiológica para o planeamento, a intervenção e a avaliação em Saúde Pública.

A amostragem complexa utilizada por estes inquéritos é fundamental para, em conjunto com a máxima taxa de resposta possível, assegurar a representatividade das estimativas obtidas a nível nacional e regional.

O equilíbrio e o reconhecimento, desde a fase de planeamento da investigação, das diferenças e potencialidades de ambos os tipos de origem de dados e de informação (base não populacional e base populacional) é essencial para a correta produção e interpretação de novo conhecimento. Por um lado, porque a seleção das amostras segue percursos diferentes, com viés de seleção geralmente presente nas amostras não probabilísticas. Por outro, porque o tipo de amostragem condiciona a correta técnica de análise estatística dos dados. E, finalmente, porque a validade externa das estimativas obtidas e a capacidade de extensão dos resultados a populações mais vastas é diferente e, naturalmente, de esperar no caso das amostras probabilísticas de base populacional.

É, assim, fundamental, incluir na cultura de planeamento de qualquer investigação a consideração das diferenças e da complementaridade dos dados, informação e conhecimento obtidos a partir de estudos que utilizam amostras não probabilísticas, geralmente associadas a projetos de investigação cujo propósito inicial não é a generalização de resultados a toda uma população definida à partida e, por outro lado, a informação e o conhecimento obtidos a partir de amostras probabilísticas, selecionadas de uma base amostral e de uma população em estudo definidas de antemão.

Esta definição, *a priori*, é importante dado o seu impacto no desenho do estudo, potenciando maior eficiência na recolha e na análise dos dados, aumentando, ainda, a validade externa da informação obtida e aproximando-a da desejável intervenção em Saúde Pública em benefício das populações em estudo e das populações alvo das intervenções.

Carlos Matias Dias

Médico, Especialista em Saúde Pública,
Coordenador do Departamento de Epidemiologia do INSA